



JOICE LIMA FERREIRA

**ENSINO DE CIÊNCIAS E REALIDADE SOCIOAMBIENTAL
NA TRAJETÓRIA FORMATIVA DOCENTE: RELATO E
ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO
SUPERVISIONADO**

LAVRAS – MG

2023

JOICE LIMA FERREIRA

**ENSINO DE CIÊNCIAS E REALIDADE SOCIOAMBIENTAL
NA TRAJETÓRIA FORMATIVA DOCENTE: RELATO E
ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO
SUPERVISIONADO**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do curso de Ciências Biológicas, para a obtenção do título de Licenciado.

Profa. Dra. Marina Battistetti Festozo

Orientadora

Laura Salve Silveira

Coorientadora

LAVRAS – MG

2023

Dedico aos meus amados pais, ao meu namorado e amigos, pois sem eles esta conquista não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar forças e sabedoria nessa trajetória, pelas oportunidades e pelas pessoas que colocou em meu caminho.

Aos meus pais que não mediram esforços para me proporcionar a vivência de um sonho, e a minha família que acreditou e torceu por mim.

Agradeço ao meu namorado por sempre acreditar em minha capacidade, por estar sempre ao meu lado na busca por meus objetivos.

Aos meus amigos, aos velhos e aos novos que conquistei. Vocês tornaram o processo da graduação mais divertido!

Agradeço à minha orientadora e co-orientadora, por acreditarem em mim, por todo o apoio prestado e todos os ensinamentos.

Agradeço a todos que de alguma forma torceram por mim.

À Universidade Federal de Lavras e a todo corpo docente do programa de graduação em Ciências Biológicas.

Conhecimento é outro nome para Força.
(Provérbio Africano)

RESUMO

A educação é fundamental para os processos de transformação da sociedade. Em nossa sociedade, a escola é a principal instituição responsável pela educação de seus cidadãos. Entretanto, a escola vem sofrendo diversas negligências por parte do poder público, sendo evidenciadas, como em muitos outros fatos, na desvalorização dos professores. Essa falta de reconhecimento atrelada às difíceis condições de trabalho tendem a causar uma crise nos processos identitários docentes, sendo percebida também durante a formação desses profissionais. Estas questões precisam ser tomadas intencionalmente como objeto de ensino e reflexão na formação de professores, tendo o estágio supervisionado como lócus privilegiado para a compreensão de situações do contexto profissional, bem como o aprendizado de conhecimentos de sua função. Assim, o presente trabalho teve como objetivo relatar e analisar uma experiência de estágio numa associação de bairro como parte da trajetória de formação como professora, contando com uma pesquisa com a comunidade daquele território, visando compreender esta realidade e intervir nela por meio de uma atividade de ensino de ciências. Tivemos como base a metodologia qualitativa por se tratar de processos e fenômenos de relações sociais. Foi utilizada a abordagem da pesquisa-ação para a realização da pesquisa, tendo em vista o caráter de interferência na realidade do local. Para um melhor entendimento da comunidade moradora do entorno da Associação, as estagiárias realizaram entrevistas semiestruturadas com moradores, líderes comunitários e conversaram com as crianças. O roteiro foi composto de perguntas acerca da história do local e as mudanças percebidas ao longo dos anos, bem como a relação dos moradores com o ambiente. Por meio dos relatos foi possível concluir que a região, denominada quilombo urbano, sempre teve influências de religiões de matriz africana, chegando a possuir nove terreiros. Além disso, a construção da Associação presente no local, que oferece aulas de Artesanato, Maracatu, Capoeira Angola e reforço escolar, foi acompanhada de diversas mudanças na comunidade, em especial o trabalho e a promoção da autovalorização dos moradores. Tendo em vista o forte vínculo dos moradores do quilombo com as plantas, as regências desenvolvidas tiveram como tema conceitos básicos de Botânica na relação com o mapeamento ambiental do quilombo, totalizando ao todo quatro encontros com as crianças estudantes da citada instituição de ensino não-formal. A realização do presente trabalho contribuiu para os processos de construção de uma identidade docente, além de salientar a importância de experiências étnico-culturais para a formação de profissionais antirracistas.

Palavras chave: Formação de professores, Processos Identitários, Ensino não-formal

ABSTRACT

Education is fundamental for the transformation processes of society. In our society, the school is the main institution responsible for the education of its citizens. However, the school has been suffering several negligences by the government, being evidenced, as in many other facts, in the devaluation of the teachers. This lack of recognition linked to difficult working conditions tends to cause a crisis in the teaching identity processes, which is also perceived during the training of these professionals. These issues need to be intentionally taken as an object of teaching and reflection in teacher training, with the supervised internship as a privileged locus for understanding situations in the professional context, as well as learning knowledge of its function. Thus, the present work aimed to report and analyze an internship experience in a neighborhood association as part of the trajectory of training as a teacher, relying on a survey with the community of that territory, aiming to understand this reality and intervene in it through an activity of science teaching. We used a qualitative methodology as a basis, since it deals with processes and phenomena of social relations. The action-research approach was used to carry out the research, in view of the character of interference in the reality of the place. For a better understanding of the community living around the Association, the interns carried out semi-structured interviews with residents, community leaders and talked to the children. The script was composed of questions about the history of the place and the changes noticed over the years, as well as the residents' relationship with the environment. Through the reports, it was possible to conclude that the region, called urban quilombo, has always been influenced by religions of African origin, even having nine terreiros. In addition, the construction of the Association present on the site, which offers Handicraft, Maracatu, Capoeira Angola and school tutoring classes, was accompanied by several changes in the community, in particular work and the promotion of self-esteem for residents. Bearing in mind the strong bond between Quilombo residents and plants, the topics developed were based on basic concepts of Botany in relation to the environmental mapping of the Quilombo, totaling four meetings with student children of the aforementioned non-formal educational institution. The realization of this work contributed to the processes of construction of a teaching identity, in addition to highlighting the importance of ethnic-cultural experiences for the training of anti-racist professionals.

Keywords: Teacher training, Identity Processes, Non-formal teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1- Roteiro da pesquisa.....	26
Tabela 2- Relação estabelecida entre entrevistados e o espaço da pesquisa.....	27
Fotografia 1 - Mapa do quilombo.....	39
Fotografia 2 - Espécimes de plantas.....	40
Fotografia 3 - Aula de seres vivos.....	42
Fotografia 4 - Experimento do feijão.....	43

LISTA DE ABREVIATURAS

PHC - Pedagogia Histórico Crítica

EA - Educação Ambiental

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1 Importância do ensino de Ciências.....	14
2.2 A PHC como enfrentamento às pedagogias liberais.....	16
2.3 Instituições de ensino não formais.....	16
2.4 A educação ambiental crítica.....	18
2.5 Processos identitários e o estágio supervisionado.....	20
3 METODOLOGIA.....	24
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	29
4.1 O processo formativo pela pesquisa-ação.....	29
4.2 Entrevistas.....	30
4.3 Regências.....	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
6 REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

A educação é um processo fundamental na transformação dos indivíduos e da sociedade, uma vez que através dela os sujeitos se tornam mais críticos e conscientes do meio em que estão inseridos, sendo capazes de modificá-lo em seu benefício. O ensino de Ciências pode ser uma via de conhecimento que permite a compreensão do meio de inserção, sendo ministrado em sua maioria através das instituições de ensino formais.

De acordo com Marsiglia (2011), a escola é uma instituição social que tem como objetivo propiciar acesso ao conhecimento sistematizado das produções da humanidade, saberes necessários às novas gerações, possibilitando um avanço a partir do que já foi construído ao longo da história. Dessa forma, tal instituição pode reproduzir o modelo social no qual estamos inseridos, sendo este voltado ao capital, mas também pode contribuir para transformar a sociedade. Essa diferença depende de algumas posturas que a escola assume, como os conteúdos escolhidos e a forma que são abordados, as participações sociais, dentre outros. Em consonância com estas preocupações, processos educativos pautados em teorias como a Pedagogia Histórico-Crítica e que tomam como eixo a Educação Ambiental podem ser meios para aproximar a escola e o ensino de Ciências da realidade social. Portanto, a autora defende a relevância da presença do professor nessa sistematização de conhecimentos.

Tendo em vista a importância do papel do professor, bem como uma formação docente voltada às questões da sociedade, o estágio supervisionado, é parte fundamental nesse processo. Ele dá a oportunidade ao formando de fazer observações, discussões, reflexões, pesquisas e diferentes atividades pedagógicas que darão base ao exercício da profissão, superando obstáculos advindos da dicotomia entre teoria e prática, tão presentes na formação docente (LIMA; PIMENTA, 2006). De acordo com Pimenta (1995), a atividade docente com um conceito de práxis indissocia a teoria e a prática, sendo conceituada pela atitude humana de transformação da natureza e da sociedade. Conforme a autora, a teoria guia a prática de atividades revolucionárias, enquanto a teoria torna a relação consciente. Deste modo, o estágio pode contribuir com a formação da identidade docente, que vem encontrando adversidades nos últimos tempos devido à desvalorização da profissão.

O presente trabalho surgiu da superação de incertezas e hesitações no processo identitário, vividas ao longo da graduação, sendo sanadas através da experiência de estágio citada nesta pesquisa.

Em seguimento à importância do estágio para a construção de uma identidade docente, cabe ressaltar a necessidade de o sujeito em formação vivenciar experiências etnico-culturais que acrescentem a esse processo, já que são questões acompanhadas de discriminações que perduram na atual sociedade e urge uma superação. Desta maneira, a presente pesquisa foi realizada em um espaço de ensino não formal em um Quilombo Urbano, e foi parte relevante do período de graduação.

Os quilombos foram o maior grito de protesto e resistência do povo negro durante o período colonial no Brasil. Para além de um refúgio, esses espaços eram a única possibilidade para os negros de expressar os seus costumes, a sua religiosidade e reafirmar a sua identidade. Não apenas em áreas rurais, havendo também citações de sua existência em áreas urbanas, os quilombos contribuíram significativamente para a crise do escravismo.

A comunidade onde este estudo foi realizado possui um forte vínculo cultural com as raízes afrobrasileiras como a cultura de terreiros de Umbanda e Candomblé, a tradicional festa de Congado e a Capela, católica, porém, composta inteiramente por santos negros. Em 2019, líderes comunitários e moradores do bairro se uniram na iniciativa de formar uma associação de cultura no local, com o objetivo de fortalecer os costumes e tradições afro brasileiras já presentes na comunidade aproximando-se de outros projetos como a Capoeira Angola e o Maracatu de Baque Virado, além de fornecer amparo social para as famílias que ali residem. Nesse intuito fundou-se a Associação Sociocultural, que hoje conta com atividades desenvolvidas no Setor de Educação, Setor de Artesanato, aulas de Capoeira Angola, oficinas de Maracatu de Baque Virado, aulas de percussão e eventos culturais.

O ambiente onde hoje é reconhecido como Quilombo Urbano foi se consolidando ao longo dos anos através das mudanças físicas na estrutura do bairro, das casas e da própria rua, como também na cultura da população local, com seus costumes e tradições. A existência dos terreiros e da associação possuem forte influência nas mudanças percebidas pela comunidade, tendo em vista a relação que as comunidades tradicionais estabelecem com a natureza, em especial com as plantas.

Mediante essa realidade social, esta pesquisa tem como objetivo relatar e analisar uma experiência de estágio numa associação de bairro como parte da trajetória de formação como

professora, contando com uma pesquisa com a comunidade daquele território, visando compreender esta realidade e intervir nela por meio de uma atividade de ensino de ciências. Desse modo, este trabalho busca descrever a realidade social no contexto da formação docente e a relevância de experiências etnico-culturais nesse processo de maneira transparente e objetiva.

O trabalho foi desenvolvido em parceria com a estudante do curso de Ciências Biológicas, Talita Ferreira Villamarim durante a atividade do estágio Estágio Supervisionado III. Foram realizados encontros semanais entre orientadora de estágio, uma docente voluntária e outros estagiários ao longo da pesquisa, em que decidimos em conjunto os locais e temas a serem desenvolvidos. O objetivo do Estágio era promover uma melhor compreensão das relações que a escola ou outras instituições educativas estabelecem com o meio em que estão inseridas, então houve diferentes pesquisas em diferentes contextos; instituições escolares públicas, particulares e não formais, a fim de compreender aspectos do processo de sistematização do conhecimento. Ademais, através da pesquisa-ação cada estagiário poderia assumir responsabilidades acerca dos processos de sua formação docente.

Esse assunto é relevante, pois salienta a importância de experiências de estágio na formação de professores e na construção dos processos identitários, bem como a necessidade urgente de reconhecer e superar o racismo estrutural que nos permeia, e um dos meios de extrema importância para tal enfrentamento é possibilitar vivências e construção de processos educativos que abordem questões relacionadas à diversidade etnico-cultural. Ademais, o tema tem sido recorrente na literatura, mas ainda existem lacunas a serem exploradas e investigadas, principalmente em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil.

O presente estudo foi realizado no Quilombo urbano da cidade de Lavras, região Sul do estado de Minas Gerais, durante a pesquisa do Estágio Supervisionado. Nesse contexto, este trabalho foi estruturado em cinco partes: introdução, referencial teórico, metodologia, resultados e discussão e considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A educação como elemento essencial à formação humana

O ser humano é um ser inacabado, em constante transformação, a partir de processos que se dão em meio às relações sociais que o mesmo estabelece. O que diferencia o homem

das outras espécies é o trabalho, sendo capaz de modificar sua realidade de acordo com suas necessidades (TREIN, 2012). Esta modificação do meio resulta em novos produtos (e processos) materiais e não-materiais, mas também, por meio da transformação do meio, a humanidade se transforma. Temos que a educação é um processo não material, resultando em ideias, valores, habilidades, dentre outros, que dependem do educador para o planejamento e a realização de seu objetivo (MARSIGLIA, 2011).

De acordo com Marsiglia (2011), o homem modifica e domina a natureza, enquanto as outras espécies de animais se adaptam à realidade conforme suas necessidades. “O homem modifica a realidade pelo trabalho, transformando-a para atender suas necessidades que se vão complexificando na medida do desenvolvimento de sua realidade” (MARSIGLIA, 2011, p.5).

O modo de produção capitalista inverte as posições, transformando o homem em objeto em que seu valor é medido por suas produções, além de tirar o sentido humanizador do trabalho, tornando-o um processo de alienação. Ao inverter as posições, o capitalismo transforma o que era potência humana em prisão, sofrimento e submissão. No capitalismo, a escola tem função social de manutenção do sistema por meio das ideias e dos interesses da classe dominante, empobrecendo os conteúdos responsáveis pelo processo de humanizar sujeitos, dando foco aos ensinamentos técnicos. Essa estratégia é movida pelo interesse de impedir a ação do sujeito em sua realidade, mantendo a segregação social de dominantes e dominados (MARSIGLIA, 2011).

A educação é fundamental na conscientização e transformação dos homens em cidadãos, contudo, é preciso levar em consideração que ela é realizada, em maior parte, por instituições pertencentes à sociedade capitalista, logo, vai ser organizada de tal forma a perpetuar seus interesses. O processo de alienação atinge também os professores, culpabilizando-os pelos problemas da escola, levando até mesmo a ser cogitada a extinção da escola como solução dos problemas. Para esse sistema econômico, a precarização dos processos educativos é tão importante, pois é a educação é a principal responsável pela organização de uma sociedade. Dessa forma, emerge-se a necessidade de estratégias para desvelar esse sistema de ensino (MARSIGLIA, 2011).

Um dos meios de contribuir para evitar a reprodução dos meios de produção capitalista são as teorias críticas.

Designam teorias que fazem uma análise crítica da sociedade e, conseqüentemente, da educação, sendo que o posicionamento delas é de que a educação, como fenômeno social, é determinada pelas classes sociais

opostas, com interesses, valores e comportamentos diversos (MARSIGLIA, 2011, p.20).

Em contrapartida às teorias críticas, as teorias não críticas são pautadas no interesse da educação como qualificação da mão de obra, enquanto as crítico-reprodutivistas, apesar de compreender a relação da educação com a sociedade e suas influências, defendem a sua função como reprodução da sociedade em que se insere, levando em conta os interesses da burguesia (MARSIGLIA, 2011).

A Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) é uma teoria crítica que se contrapõe às pedagogias liberais, que se preocupa com demandas educacionais relacionadas a problemas da sociedade da época, com o intuito de formar cada vez mais sujeitos críticos. É uma teoria preocupada com as demandas educacionais, em especial com problemas que emergem na sociedade brasileira nesse mesmo período (BOHRER, 2017). Nesse sentido, Marsiglia (2011, p.20) cita que “esta teoria pedagógica toma posição na luta de classes aliando-se aos interesses dos dominados e surge em decorrência de necessidades postas pela prática dos educadores nas condições atuais”. A autora também defende a importância da educação escolar e do papel do professor, além dos conteúdos curriculares que possibilitam a transmissão-assimilação de conhecimentos.

2.2 A PHC como enfrentamento às pedagogias liberais

Segundo a corrente pedagógica defendida por Saviani (2012), a escola não pode mais se parecer com um lugar de alienação, pautada no ensino por mera reprodução. Dessa forma, Saviani (2012) defende a importância de compreender a questão educacional com base no desenvolvimento histórico objetivo, inferindo que, embora se reconheça a influência da sociedade, por meio de um jogo de poderes nos caminhos que se materializam na educação, a educação é igualmente capaz de influenciar a sociedade, possibilitando sua transformação. Assim, a PHC

(...) visa estimular a atividade e a iniciativa do educador, favorecendo o diálogo entre os educadores e os educandos, levando em conta suas experiências históricas e sociais, sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, suas ordenações e conteúdos. Logo, nessa proposta, o conhecimento se constrói, fundamentalmente, a partir da base material e social. É a existência social dos homens que gera o conhecimento (BOHRER, 2017, p.3).

Mediante isso, é possível inferir que a pedagogia é histórica, pois nessa perspectiva a educação também intervém sobre a sociedade, colaborando com a sua transformação, ao mesmo tempo em que é crítica, por ter consciência da determinação desempenhada pela

sociedade sobre a educação (BOHRER, 2017). A pedagogia histórico-crítica nasce, portanto, da necessidade de contrapor a falta de consciência histórico-social das práticas pedagógicas até então conhecidas no Brasil.

A PHC visa estimular a atividade e a iniciativa do educador, favorecendo o diálogo entre os educadores e os educandos, levando em conta suas experiências históricas e sociais, sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, suas ordenações e conteúdos. (BOHRER, 2017).

2.3 Instituições de ensino não formais

As Ciências da Natureza têm como propósito permitir que alunos compreendam o meio em que vivem. Sendo assim, questões relacionadas ao ensino do conhecimento científico são necessárias para essa formação. Futuros professores buscam conhecer o aluno em campo e desenvolvem práticas reais que proporcionem entendimento a esses estudantes sobre a relação sociedade-natureza por meio dos próprios elementos do dia a dia dos seus povos (LOBATO, et al., 2020). Professores buscam proporcionar aos alunos uma formação com mais conhecimentos práticos com o intuito de aprofundar habilidades necessárias para desenvolver em seu futuro próximo como profissional (LAGO; et al., 2015).

Nesse sentido, os educadores e educadoras vêm buscando se aproximar de uma formação de indivíduos mais críticos, mais conscientes do ambiente à sua volta. Contudo, essa percepção pode ser prejudicada quando a escola não se aproxima do meio em que os estudantes estão inseridos, de sua cultura, enfim, sua realidade. Pela Constituição, a educação da sociedade não é função apenas da escola, mas da família, e de toda a sociedade, incluindo a sociedade organizada em associações. O termo utilizado para esses espaços é “Não Formal” ao invés do termo “informal”, que traz consigo um sentido de ausência de controle, tendo em vista que o conhecimento nessas instituições também pode ser sistematizado (SANTOS; TERÁN, 2017).

O ensino não formal: a aprendizagem que não é assegurada por um ensino ou de formação e normalmente não conduz à certificação. É, todavia, estruturada (em termos de objetivos, duração e recursos). Educação Não Formal é intencional do ponto de vista do aluno (SANTOS; TERÁN, 2017, p.3).

Cabe ressaltar que apesar das dificuldades enfrentadas pela escola, é a forma principal pela qual a educação se realiza nos moldes configurados na modernidade capitalista,

sendo indispensável e estratégica na luta dos trabalhadores pela emancipação humana (LOUREIRO, 2019).

No ensino de ciências, algumas dinâmicas podem ser difíceis de serem desenvolvidas apenas em sala de aula. Ao se apropriar de espaços fora do âmbito escolar, além de levar ao aluno experiências reais, as pesquisas sobre o ensino de ciências se tornam mais relevantes (SANTOS; TERÁN, 2017). Nesse sentido, as instituições de ensino não formais estão adotando medidas práticas fora da sala de aula, como ressalta a autora Meyer (1991):

Reconhecendo que a escola não é o único local de aprendizado e que o processo educativo não se inicia nem se esgota no espaço escolar, torna-se fundamental dialogar com o conhecimento que as pessoas têm acerca do ambiente, aprendido informalmente e empiricamente em sua vivência e prática social, respeitando-as, questionando-as, levando-as a repensarem o aprendido. Enfim, possibilitando que elas formulem e expressem suas idéias e descobertas, e elaborem os seus próprios enunciados e propostas. (MEYER, 1991, p.42)

Nessa esteira de pensamento, considerando a necessidade de percepção do sujeito quanto à sociedade e o meio ambiente, além do entendimento da relação que possuem, a educação ambiental aparece como um meio de reflexão acerca do tema. É uma área que tem por objetivo a conscientização de indivíduos dos problemas ambientais e incentivar meios de mitigar tais obstáculos.

Durante a realização do trabalho, na etapa de escolha do local de pesquisa, assumimos a importância de romper os muros da escola e entender a instituição no contato com a comunidade, que é uma proposta de educação ambiental em si. Além disso, na formação de professores até 30% da carga horária dos estágios podem ser realizadas em instituições não-formais, levando em consideração a importância desse campo de atuação. Dessa forma, estabelecemos contato com uma escola estadual parceira que se situa no mesmo bairro do quilombo, o que nos permitiu fazer contato com a instituição onde a pesquisa foi realizada.

2.4 Processos identitários e o estágio supervisionado

O estágio é parte fundamental na formação profissional, tendo em vista que apresenta conhecimentos práticos e teóricos para a realização da função, bem como proporciona o entendimento das situações presentes no contexto da profissão. Deste modo, o estágio supervisionado pode contribuir com a forma que cada profissional se vê e atua na própria formação, com a possibilidade de formação de uma identidade. Como proposta à formação da identidade profissional, a pesquisa na escola e em seu entorno são possíveis enfrentamentos

ao problema histórico dessa construção. Alguns desafios são difíceis de serem superados, como a desvalorização social e financeira dos professores, mas se olharmos para elas de forma crítica, com cuidado e munidos de teoria poderemos ter algum avanço.

O estágio sempre foi tido como a parte prática dos cursos de formação de profissionais em geral, em contraposição à teoria (PIMENTA; LIMA, 2006). Os currículos possuem disciplinas isoladas, em que não há uma comunicação entre as mesmas, além de possuírem saberes desvinculados com a profissão dos formandos (PIMENTA; LIMA, 2006). Contudo, apesar de todas as dificuldades encontradas, o Estágio Curricular Supervisionado é parte fundamental na formação docente (SCALABRIN; MOLINARI; CORDER, 2013).

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), a proposta é que a partir do ano de 2006 o estágio supervisionado tenha por objetivo dar oportunidade para o formando à observação, pesquisa, diferentes atividades pedagógicas, havendo um afastamento da dicotomia entre teoria e prática (SCALABRIN; MOLINARI; CORDER, 2013).

Como campo de conhecimento, o estágio supervisionado faz uma interação dos cursos com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. Assim, o estágio poderá se constituir em atividade de pesquisa (PIMENTA; LIMA, 2006).

No entanto, uma das abordagens que ainda permanece em alguns locais é a prática como imitação de modelos. Se trata de uma forma de aprender a profissão, segundo a imitação, ou seja, fazendo observações, reproduzindo ou re-elaborando modelos práticos tidos como bons. Nessa perspectiva não se considera as transformações históricas e sociais derivadas dos processos de democratização do acesso. Tais transformações trouxeram para a escola novas demandas e realidades sociais decorrentes da inclusão de indivíduos à margem do processo de escolarização e cidadania (PIMENTA; LIMA, 2006).

Ademais, o ensino técnico é outra realidade em que as habilidades não são suficientes para o conhecimento científico e das reais situações vividas pelos profissionais da área. Junto à imitação de modelos tendem a desvincular a teoria da prática (PIMENTA; LIMA, 2006).

Essas e outras dificuldades encontradas no processo de formação profissional tendem a contribuir para a “crise de identidade docente”, como cita a autora Silva (2009) ao se referir ao processo de deslocamento dos indivíduos de seu lugar no mundo social e cultural, como também de si mesmos.

Silva (2009) destaca que os processos identitários docentes resultam de sucessivas interações que se estabelecem entre o sujeito e os diversos meios sócio-culturais e profissionais nos quais se insere em distintas ocasiões.

Conforme a autora, a identidade é formada de dois aspectos indissociáveis: o individual e o social, pois sempre que nos questionamos sobre nós mesmos e como os outros nos percebem, esbarramos em nossa identidade. Sabendo disso, os processos identitários resultam das relações estabelecidas entre o sujeito e variados meios sócio-culturais, permitindo a formação de identidades variadas. Dessa forma, a auto-identificação possibilita que o sujeito se situe em determinado sistema de relações, sempre passando por processos de construção e reconstrução, tendo em vista que o ser humano está em constante transformação (SILVA, 2009).

O processo de construção da identidade docente vem encontrando barreiras devido às mudanças sociais e educacionais, como a desvalorização econômica da profissão, a ruptura do consenso do papel da educação que a sociedade vem apresentando, mudanças de conteúdos, mudança da relação professor-aluno, desvalorização social, entre tantos outros (SILVA, 2009). Assim, a continuidade da profissão depende da capacidade do docente se identificar como ator crítico e autônomo, já que a identidade docente é construída pela imagem do professor e como ele se enxerga.

É esperado que as dificuldades encontradas nos processos identitários docentes afetem também os professores em formação, que antes mesmo de exercerem a profissão são afetados pelos entraves da atualidade acerca da docência. Dessa forma, o estágio supervisionado pode contribuir para os processos de construção de identidade, na forma que cada sujeito se vê e atua na sua formação. Em consonância, o estágio possibilita ao indivíduo tomar responsabilidade sobre sua formação e os caminhos a serem seguidos na profissão, por permitir a vivência de situações comuns na função.

Tendo em vista a importância da vivência e percepção das situações de uma profissão para a construção de uma identidade, é fundamental que o estágio apresente uma base teórica pautada em reflexões críticas. Um dos caminhos para tornar esta percepção do ambiente de atuação mais próxima à realidade é a prática do mapeamento ambiental. De acordo com Meyer (1991), o mapeamento possibilita um levantamento de informações ambientais da comunidade, bem como das relações sociais estabelecidas.

2.5 A educação ambiental crítica

Após encontros como a Conferência das Nações Unidas Rio +20, termos como “desenvolvimento sustentável” e “economia verde” vem sendo ampliados, além da educação ambiental ser sugerida como obrigatória nas escolas do Brasil após o VIIº Fórum Brasileiro de Educação Ambiental (TREIN, 2022). Assim, a educação ambiental tem sido utilizada com frequência como uma solução para os problemas ambientais que a sociedade atual vem enfrentando. Seu ensino vem sendo proposto nas escolas a fim de conscientizar os estudantes sobre a importância de ações que favoreçam a causa ambiental.

Uma questão importante é que há diversas concepções pedagógicas sobre o que de fato é a educação ambiental. Entendê-las é parte significativa para a formação dos futuros professores de biologia, já que os mesmos farão o contato dos estudantes com o tema referido. Para entendermos essas vertentes é importante que haja uma reflexão acerca das diferentes interpretações do assunto, e se há, de fato, diferença de interesses (MAIA, 2015). Dessa forma, o entendimento da educação ambiental passa também por uma análise histórica e social para que o mesmo não seja raso e não condizente com a realidade, já que todas essas esferas estão relacionadas entre si.

Fazendo essa reflexão histórico-social, é possível perceber que a EA da forma que é trabalhada atualmente possui diversas incongruências, visto que a escola é estruturada em prol de um sistema capitalista, que tende a favorecer determinados grupos (TREIN,2022). A educação ambiental com um caráter emancipatório, possibilita aos indivíduos tomarem decisões e serem capazes de agir promovendo uma transformação do local em benefício da população (MEYER, 1991). Contudo, vemos que a forma com que ela é trabalhada nas escolas não contempla o principal objetivo.

[...] a pesquisa e a investigação do cotidiano não ocupam lugar dentro da escola; o saber informal, a origem social e cultural dos alunos não são considerados; a concepção de ciência e de mundo apresenta-se homogênea, estática, verdade inabalável, e prevalece uma valorização da técnica e um desprezo pela cultura. (MEYER, 1991, p.41)

Segundo Layrargues (2012), a Educação Ambiental no Brasil está passando por uma crise de identidade evidenciada na contradição entre teoria e prática e na dificuldade de superar o pensamento e a ação hegemônica. O autor ainda sugere uma intencionalidade por trás dessa crise, tendo em vista que é mediada por uma ideologia dominante que tem por objetivo propagar seus valores. Assim, ao proporcionar uma defasagem na Educação

Ambiental, contribui para limitar a ação de determinados grupos sociais, controlando suas intervenções na sociedade.

Atualmente, é comum que a Educação Ambiental seja reduzida à cultura da sustentabilidade, entrando em sintonia com processos civilizatórios do liberalismo. (LAYRARGUES, 2012). Essa abordagem não se interessa em refletir e intervir nas causas da crise ambiental, apenas em combater seus aspectos mais visíveis. Neste ponto de vista, a EA se tornaria apenas mais um instrumento de reprodução social, que mantém as condições atuais inalteradas. (LAYRARGUES, 2012).

Deste modo, é de fundamental importância reflexões político-pedagógicas críticas acerca da EA, levando em conta os poderes políticos hegemônicos que ocupam tal campo social, como maneira de fortalecer a luta por uma sociedade democrática e justa (LAYRARGUES, 2012).

Temos que contemporaneamente, a escola está marcada por uma cultura do desempenho, levada pela precariedade do trabalho docente e pela fragilização do compromisso ético-político que dá sentido à identidade profissional dos professores que exercem uma educação crítica (TREIN, 2022).

Assim, seguindo a teoria da Pedagogia Histórico-Crítica, a Educação Ambiental Crítica sugere a inclusão de aspectos sociais nos estudos do ambiente, além de aspectos políticos, econômicos, culturais, éticos, dentre outros. Conforme Maia (2015), a escola e o trabalho educativo são elementos ideais para forjar o campo teórico necessário para a construção da educação ambiental crítica na formação dos educadores ambientais. Assim,

Os problemas ambientais deixam de ser naturalizados, independentes, autônomos, sem sujeito social, e passam a ser compreendidos como o produto de determinadas formas de organização social, no seio de uma cultura, quando localizados no tempo e no espaço e considerados no seu contexto sócio-histórico. Desta forma, podemos ver que não são os homens enquanto categoria genérica que estão destruindo a natureza e que a poluição não é natural do progresso. (MEYER, 1991,p.44)

Para isso, é importante refletir sobre a interpretação da palavra natureza, pois essa tem sido associada aos ambientes onde não há indícios de civilização. Nessa esteira de pensamento, é interessante que não haja uma segregação do homem com o natural, já que somos antes de tudo animais, diretamente afetados e dependentes do meio em que vivemos. Quando pensamos na natureza sem um sujeito social, não podemos atribuir responsabilidade

pelos impactos antrópicos. Dessa forma, é essencial uma leitura fiel do ambiente, levando em conta que diferentes grupos sociais possuem diferentes preocupações conforme fatores históricos, econômicos e culturais (MEYER, 1991).

Meyer (1991, p.41) defende que os problemas ambientais vêm sendo associados à pobreza:

A educação ambiental corre o risco de escamotear questões fundamentais que precisam ser enfrentadas, como o atual modelo de desenvolvimento econômico brasileiro, que privilegia uma pequena parcela da população, causando grandes impactos sociais e culturais negativos, e a desqualificação da educação, dos educadores, do processo de ensino-aprendizagem, principalmente, na escola fundamental e no ensino médio.

De acordo com a autora, essa leitura fiel ao ambiente, ou mais próxima da realidade, pode ser desenvolvida também por processos educativos como do mapeamento ambiental, que consiste numa observação, uma investigação crítica do ambiente. Nesse sentido, pensar no ambiente como o meio em que ocupamos; a escola, a comunidade, ruas, locais frequentados, o olhar treinado sob esses locais pode estimular novas percepções, até mesmo econômicas e políticas. Segundo Mônica Meyer (1991, p.41), “a análise do ambiente e do desenvolvimento exige a vinculação dos processos naturais com os processos históricos na dinâmica reprodutiva do capital, contemplando a dimensão cultura”.

O mapeamento significa um inventário, um levantamento e um registro da situação ambiental do bairro e da cidade em seus múltiplos aspectos como: saneamento (água, esgoto e lixo), energia elétrica, transporte, tipos de moradia e materiais de construção, flora e fauna, recursos hídricos e minerais, indústria e comércio, organização social do trabalho, serviços de saúde, patrimônio histórico, artístico e arquitetônico, áreas de lazer, agricultura, pecuária, hábitos alimentares e crenças. Enfim, inventariar as relações sociais que os seres humanos vão estabelecendo entre si e os demais seres vivos, quem se apropria e como se apropria dos elementos naturais (água, ar, terra, fogo), do céu, da flora e da fauna. (MEYER, 1991, p.43)

3 METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido sob a orientação da docente Marina Battistetti Festozo e co-orientação da aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Ambiental – PPGECA Laura Salve Silveira, além disso a pesquisa do estágio foi feita em parceria com a aluna da graduação de Ciências Biológicas - Licenciatura, Talita Ferreira Villamarim. Tendo em vista que o objetivo do Estágio Supervisionado III do curso de

Ciências Biológicas da Universidade Federal de Lavras é a percepção e análise do ambiente no qual a instituição de ensino está inserida, além do vínculo que Talita estabelecia com o contexto do local em questão, optamos pela experiência de estagiar em um quilombo, visto que parte da carga horária total de estágio pode ser realizada em instituições não formais. A decisão foi tomada em conjunto com a sala de aula para a compreensão do contexto socioambiental, já que cada grupo se dedicou a diferentes espaços de ensino, como os não formais, os públicos e particulares.

Dessa forma, este trabalho compreende uma pesquisa de caráter qualitativo. A pesquisa qualitativa, sobretudo, trata de questões que não podem ser quantificadas, pois está relacionada a processos e fenômenos das relações sociais cujo cálculo de variáveis é inviável. São trabalhados nela, aspirações, crenças, motivos, valores, significados, uma realidade que não pode ser reduzida a cálculos (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2011). O estudo ocorreu em uma Associação Sociocultural presente na comunidade quilombola urbana localizada na cidade de Lavras MG, com o objetivo de entendimento do contexto local e possível atuação através do ensino de Ciências.

Durante o acompanhamento do estágio foi orientada a realização de uma pesquisa social com metodologia de pesquisa-ação. Devido ao seu local de realização é possível perceber traços de uma pesquisa de campo etnográfica, contudo, o propósito inicial se baseava numa intervenção a fim de acrescentar na realidade local.

A pesquisa-ação é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas. (SEVERINO, 2017, p.143)

É importante salientar que essa intervenção não tem o intuito de impor o conhecimento científico sobre as pessoas, como muitas vezes é feito nas extensões na universidade. A ideia é que a intervenção busque o diálogo entre o conhecimento científico e o conhecimento popular.

Desse modo, através da metodologia de pesquisa-ação, foi possível a realização da pesquisa, observando e entendendo o contexto do local. Em continuidade, possibilitou, também, uma atuação por meio do Ensino de Botânica na referida Associação em

consonância com os aspectos percebidos. Cabe ressaltar o papel da instituição não formal nesse processo, que possibilitou essa flexibilidade na escolha do tema.

Assim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com moradores da comunidade quilombola e voluntários da associação para levantamento de dados, com o intuito de conhecer o ambiente estudado, bem como a relação que a comunidade estabelece com o meio. Esta metodologia de entrevista possibilita, apesar de um roteiro previamente elaborado, uma liberdade de expressão do entrevistado, sem deixar de obter respostas diretas ao nosso objetivo, sendo possível entender por meio da conversa, pontos relevantes para o mesmo.

Levando em conta que a entrevista não possui caráter inócuo por se tratar de um processo de interação entre pessoas, logo, está sujeita à ética de relacionamentos humanos. Assim, respeitando os princípios da Bioética, nenhum nome dos entrevistados foi apresentado, bem como da instituição estudada.

[...] ao aceitar convite para tomar parte em pesquisa o entrevistado estará aceitando, também, os interesses de quem está fazendo a pesquisa, ao mesmo tempo em que descobre ser dono de um conhecimento importante para o outro. (D'ESPÍNDULA, 2016,p.497)

O período da pesquisa e do estágio supervisionado ocorreu nos meses de agosto e setembro de 2022. Ao longo desse tempo, através da observação, procedimento imprescindível em qualquer modalidade de pesquisa (SEVERINO, 2017), foram acompanhadas aulas de Capoeira Angola, Maracatu, Artesanato e reforço escolar, além de eventos do local. Cabe ressaltar que foi realizada uma observação participante, na qual nos envolvemos nas atividades oferecidas pela Associação junto aos estudantes. Logo, foram elaboradas ao todo quatro regências sobre conhecimentos básicos de Botânica com abordagens étnicas da comunidade.

Em primeiro lugar, através de uma entrevista semiestruturada, elaboramos um roteiro com o objetivo de orientar as conversas com as pessoas da comunidade e obter respostas mais diretas ao tema desejado. O roteiro não era apresentado para os entrevistados, servindo apenas para direcionamento das estagiárias.

Basicamente, ele era subdividido em 3 momentos; uma apresentação do entrevistado além do tempo de moradia e motivos de residir no local, um breve histórico do bairro e as mudanças ocorridas e, por fim, uma descrição da relação que possui com as plantas. Optamos por nos aprofundar em conhecimentos de Botânica pois em alguns momentos de realização do

mapeamento ambiental foi percebido que muitos moradores possuíam plantas nos ambientes de suas casas, bem como a forte relação da cultura dos Terreiros na comunidade. Ao visitar o espaço de um dos terreiros, observamos a presença de diversas plantas, além da valorização das mesmas para fins medicinais e religiosos, como chás e banhos.

Tabela 1 - Roteiro da pesquisa

Perguntas	
1	Apresentação do entrevistado
2	A quanto tempo está no bairro?
3	Quais mudanças observou ao longo desse tempo?
4	O que mais gosta no bairro?
5	O que menos gosta no bairro?
6	Há festas no bairro?
7	Gosta da paisagem do bairro?
8	Como é sua relação com as plantas?
9	De onde vêm as plantas que utiliza?
10	Como adquiriu o conhecimento que possui pelas plantas?
11	Em sua opinião, houve mudanças no conhecimento sobre plantas dos moradores ao longo das gerações?

Fonte: Da autora (2023)

Tendo em vista que a pesquisa foi realizada apenas na rua do Quilombo, poderíamos ter direcionado as perguntas apenas para esse ambiente, contudo, ao expandir para o bairro conseguimos analisar se havia uma diferença entre a rua em questão e as demais.

Entrevistamos ao todo sete moradores envolvidos com a Associação. A escolha dos entrevistados ocorreu com o intuito de conduzir a pesquisa para a instituição referida. A cada entrevista realizada, pedíamos indicação das pessoas a serem entrevistadas na próxima conversa.

Tabela 2 - Relação estabelecida entre entrevistados e o espaço da pesquisa

Entrevistado	Relação com o quilombo
---------------------	-------------------------------

Entrevistado nº 1	Sacerdote de Umbanda, morador do bairro
Entrevistado nº 2	Presidente e professor na Associação, morador do bairro, filho de Santo em um dos terreiros
Entrevistado nº 3	Professora na Associação, moradora do bairro, filha de Santo em um dos terreiros
Entrevistado nº 4	Sacerdotisa de Umbanda e Candomblé, moradora do Quilombo
Entrevistado nº 5	Responsável pelo Setor de Artesanato e coordenadora de eventos do bairro, possui cargo de Olosányín* em um dos terreiros, moradora do Quilombo
Entrevistado nº 6	Mãe de estudantes da Associação, filha de Santo em um dos terreiros
Entrevistado nº 7	Coordenadora do setor de Educação da Associação, moradora do bairro

Fonte: Da autora (2023)

*Olosányín é aquele ou aquela que possui autoridade para manusear as folhas dentro do terreiro.

Após a realização das entrevistas e análise das respostas obtidas, faríamos uma investigação das questões mais presentes nas falas dos entrevistados para trabalharmos nas regências, como uma forma de intervenção nesse processo de pesquisa-ação.

Para as regências, o objetivo era estender a atividade de pesquisa-ação para as crianças, possibilitando-as de perceber o ambiente ao redor e agir em benefício da comunidade.

Na primeira aula, foi proposta uma atividade de mapeamento ambiental, em que os estudantes precisam representar o ambiente do quilombo em forma de mapa, ressaltando os pontos principais do local. À medida em que o mapa era construído, perguntas eram feitas a fim de entender quais os principais pontos da rua, o que mais gostavam e o que menos gostavam no lugar. Para aprofundar na atividade de mapeamento, levamos uma música que fazia relação dos Orixás com os elementos da natureza, para trazer a ideia do meio ambiente no cotidiano das crianças, já que possuem forte vínculo com suas crenças.

Já na segunda aula, devido à ênfase que os moradores tinham pelas plantas, decidimos desenvolver conhecimentos básicos de Botânica. Além do mais, ao longo da graduação, eu e minha parceira de estágio nos dedicamos ao estudo da área, tendo certa afinidade com o tema. Essa decisão foi tomada após a atividade de mapeamento que realizamos na comunidade, em

que percebemos a forte relação da comunidade com as plantas. Primeiramente, levamos diversos espécimes de plantas, principalmente os que percebemos pelo quilombo e tivemos mais informações nas entrevistas. O objetivo era diferenciar os variados usos que fazemos das plantas; alimentícias, medicinais, ornamentais, dentre outros. A atividade consistia em separar os organismos levando em consideração a categorização citada acima.

Na terceira regência levamos em conta o fato de as crianças possuírem diferentes idades, logo, diferentes bagagens conceituais. Então, decidimos abordar conceitos ainda mais básicos, como o entendimento de seres vivos e ciclo de vida. A ideia era começar a problematização questionando o que é estar vivo, fazendo perguntas como; “você está vivo? Por quê?”, “será que os animais estão vivos?”, “e as plantas?”. Após chegarem a conclusão de que plantas são sim seres vivos, conceituamos o ciclo de vida nas seguintes etapas: nascimento, crescimento, reprodução e morte.

Por fim, na última aula, em seguimento à regência sobre ciclo de vida, o objetivo era desenvolver uma atividade mais prática e visual para o entendimento dos processos. Dessa forma, levamos um recipiente com terra e diferentes frutos e sementes para que pudéssemos realizar o plantio e acompanhar o desenvolvimento dos organismos. Com essa prática, tínhamos o intuito de aproximar os conceitos com a realidade das crianças, além de propor uma espécie de horta coletiva que beneficia os envolvidos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi desenvolvida no segundo semestre de 2022 no Estágio Supervisionado III, no Quilombo Urbano da cidade de Lavras, MG, já que parte das experiências de estágio podem ser realizadas em instituições não-formais.

4.1 O processo formativo pela pesquisa-ação

A atividade de Estágio Supervisionado tem por objetivo contribuir com os processos formativos da identidade docente, podendo utilizar o caminho da pesquisa como estratégia para esse processo. De acordo com Lima e Pimenta (2006), o estágio pode se dar em forma de pesquisa por fazer uma interação entre o curso e o campo social das práticas pedagógicas. Destarte, a realização desta pesquisa cumpriu com os objetivos fundamentais do estágio.

Desse modo, foi proposta a realização de uma pesquisa-ação no início da disciplina do estágio para formação de professores. O intuito da prática era possibilitar uma atuação e percepção que tornasse capaz a tomada de decisões acerca da própria formação, entendendo que construir a pesquisa juntos é um processo formativo da identidade. Assim, através da pesquisa-ação cada discente da disciplina assumiu a responsabilidade de sua formação com a professora responsável.

Durante a definição do tema da pesquisa realizamos diversos encontros em que eram discutidas as possibilidades para que as pesquisas de cada dupla conversassem com o objetivo do grupo, que era o entendimento do contexto socioambiental das instituições de ensino. Levando em consideração essas questões, em consonância com as oportunidades de estágio que cada um encontrou, duas duplas se dedicaram ao ensino de instituições formais públicas e outra dupla ao ensino de instituições privadas, bem como as não formais, onde este trabalho se situa.

Como processos da pesquisa-ação, a dupla autora deste trabalho optou pela realização de um mapeamento ambiental da região em que o estágio se deu para um melhor entendimento das condições existentes, sendo desenvolvida uma entrevista semiestruturada na comunidade seguida por regências como forma de intervenção no ambiente.

Silva (2009) cita que os processos de construção de uma identidade docente resultam de sucessivas interações entre o sujeito e os diversos meios sócio-culturais e profissionais nos quais se insere. Em consonância, as experiências vividas no desenvolvimento deste trabalho contribuíram significativamente na construção da identidade profissional, visto que a realização dessa pesquisa possibilitou um melhor entendimento e encantamento pela carreira docente.

4.2 Entrevistas

Através da pesquisa-ação, por meio das conversas com membros do quilombo e da Associação, foi possível um melhor entendimento sobre o bairro, em especial sobre a rua onde o quilombo está inserido.

Antigamente, no fundo da rua do quilombo existia um grande declive no terreno, popularmente chamado de barranco, seguido de um vale com diversa vegetação. Há relatos, transcritos logo a seguir, da existência de minas d'água e vários animais no entorno. Hoje, no local, existe um loteamento com casas de alta valorização, e onde existia o declive, hoje foi

aterrado. Nessa época, em que a maioria dos entrevistados eram crianças, era comum brincarem nesse vale e o contato com as plantas era mais próximo.

Entrevistado nº 4: *"Antes havia um buraco no fundo das casas da rua, não havia tantas casas, não tinham reboco. Antigamente tinha muitas árvores no vale, vinham macacos e tucanos, muitos animais, e hoje não se vê como antes."*

Entrevistado nº 5: *"A rua era cheia de buracos, as casas de tijolo, com aspecto de periferia, não existia o terreiro, havia muitos lotes vagos e muito mato. Antes havia muita violência, tinha um campo de futebol que hoje não existe mais. A arborização da rua foi sempre ausente."*

Conforme a historiografia, os quilombos foram formados em locais propícios para possíveis fugas e lutas, além de possuírem como principal característica a moradia em locais de difícil acesso. Barreiras geográficas eram utilizadas para evitar a visualização e aproximação de seus perseguidores (FURTADO; PEDROZA, ALVES, 2014). Entretanto, ao longo de tantos anos de injustiças sociais e discriminação, esses povos foram marginalizados da sociedade hegemônica, restando locais, em sua maioria, com condições desfavoráveis para habitação.

Segundo relatos, trazidos na sequência, no passado, a situação do tráfico de drogas era mais explícita, inclusive em frente às crianças. Havia festas que incomodavam muitos moradores devido ao alto volume das músicas. No local em que hoje funciona a Associação, antes existia um bar, onde ocorriam vários conflitos. Devido às situações citadas, à localidade, à situação financeira das pessoas, dentre outros, era comum fazer referência a um local sujo, um brejo. Contudo, a rua sempre possuiu grande relação com religiões de matriz africana, chegando a possuir até 9 terreiros de Umbanda e Candomblé.

Entrevistado nº 2: *"Nesse trecho da rua que vocês conhecem, houve no passado nove terreiros de religiões de matriz africana, hoje existem quatro em funcionamento. Tem uma expressão muito forte da cultura negra no congado, ali tem um congado negro muito forte, é uma rua muito rica culturalmente, muito rica em história e em conhecimentos, então foi dando uma análise de um potencial para ser um quilombo urbano, porque existe uma resistência, não é comum, né, no Brasil mesmo, não é comum você estar num telhado de uma quadra de uma rua e ter aí nove terreiros de Umbanda e Candomblé. Então tem um histórico, né, tem uma riqueza muito grande nisso."*

Entrevistado nº 2: *“A associação tem objetivos mais específicos e o quilombo é algo pra gente tentar envolver mais a comunidade como um todo. Mas a ideia foi mais especificamente por isso, pela forte resistência que as pessoas dali têm, em relação à espiritualidade, à cultura, à riqueza histórica da preservação da cultura da diáspora aqui no Brasil, manifestações de culturas africanas.”*

Como mudanças que houve no bairro, a maioria cita a construção do terreiro, a Capela com Santos negros e a Associação. Essas instituições vêm mudando a imagem da rua, bem como atuando na auto estima dos moradores, que passam a reconhecer a rica cultura que possuem.

Entrevistado nº 1: *“Muitas mudanças vieram através da associação, da capela e do terreiro, principalmente na rua. Aqui era uma rua que sempre foi mal falada, e hoje o terreiro com a associação e a capela, a gente tenta mudar isso, né, a gente tenta educar as pessoas que moram aqui, conscientizar, que não é dessa forma, que não pode aceitar ser chamados de ‘rua perigosa’, então a gente tenta estar mudando isso. Tentamos educar e conscientizar as crianças pra elas estarem mantendo o ambiente limpo, porque aqui era uma rua também que não tinha muita higienização... Então hoje a gente vai fazendo isso, vai apoiando os moradores a estar reformando as suas casas... Então isso tudo é uma mudança.”*

Entrevistado nº 7: *“De 10 anos pra cá a estética da rua vem mudando, o terreiro é muito importante por causa do contexto brasileiro de intolerância religiosa”.*

Entrevistado nº 3: *“Acho que está muito na auto valorização deles, eles já tinham o Congado, a folia de Reis, mas acho que entendiam como uma coisa deles ali, e não entendiam que podia ser valorado pra além da comunidade, que é isso o que a Associação traz. Então acho que a Associação veio mais no sentido de ajudar a organizar nesse sentido institucional, do que melhoria da cultura deles, pois eles já têm muita cultura.”*

Durante as observações que fizemos, bem como a participação das atividades no quilombo, percebemos a valorização que os moradores têm pela Associação, e apesar do preconceito ainda existente, apresentam grande autovalorização, evidente nas falas e nas atividades desenvolvidas nas instituições.

Conforme Munanga (1996, p.17), “toda e qualquer construção racista é baseada nas diferenças reais ou imaginárias.” De acordo com Gomes (2018), não basta que na realidade atual haja tolerância das diferenças, nossa responsabilidade social nos cobra muito mais. É

necessário que saibamos valorizar as semelhanças e diferenças, e reconhecer que são imprescindíveis em qualquer projeto social e educativo que tenha por base a democracia. Segundo Munanga (2015, p.20), “o Brasil oferece o melhor exemplo de um país que nasceu do encontro das diversidades étnicas e culturais”. No entanto, apesar da grande diversidade, o racismo ainda estrutura nossa sociedade.

Além disso, é importante salientar que o racismo é uma das formas mais eficazes de manter as relações sociais pautadas no favorecimento das classes dominantes, mantendo as cisões entre o povo oprimido e trabalhador que não se organiza e não pode fortalecer, por não perceber sua unidade, a luta em prol da justiça e igualdade em todas as suas formas, classe, gênero e etnia.

As diferenças são fonte de conflito e manipulações socio-econômicas e político-ideológicas. Quanto mais crescem, as diferenças favorecem a formação dos fenômenos de etnocentrismo que são pontos de partida para a construção de estereótipos e de todo tipo de preconceitos, inclusive raciais. (MUNANGA,1996, p.17)

Munanga (1996, p.17) diz que a identidade e o racismo não são fenômenos estáticos: “eles se renovam, se reestruturam e mudam de fisionomia, de acordo com a evolução das sociedades, das conjunturas históricas e dos interesses dos grupos.”

O autor ainda cita que no plano político, o reconhecimento da diversidade cultural conduz à proteção das culturas minoradas. Nessa perspectiva, visando a valorização das diferentes culturas existentes, compreende-se a importância de experiências etnico-culturais como a descrita neste trabalho como essenciais para uma formação docente antirracista.

Em continuidade, ainda buscando compreender o território onde ocorreu o estágio, foi salientado como ponto positivo a união e a cultura dos moradores. Como pontos negativos citam com frequência a questão do lixo, a falta de oportunidades e a atenção dos governantes. Sabemos que há forte influência do racismo estrutural em nossa sociedade, que precisa com urgência ser superado.

Entrevistado nº 7: *“O que poderia melhorar é a falta de oportunidade e o preconceito que as pessoas têm. Usam a expressão “charco”, “só por ser uma concentração de pessoas negras que não tem condições financeiras, não é por isso que tem que ser nivelado por baixo. As políticas públicas não favorecem a rua, agora com o quilombo, a Associação e o Terreiro que estamos conseguindo reerguer, das pessoas que vestem a camisa e fazem acontecer (...). Tem muito abandono intelectual, é importante a educação para que a gente possa fortalecer*

esse ensino, a tradição cultural que é muito importante, pra que as próximas gerações possam chegar além. É o que eu quero pras minhas crianças da Associação.

Quanto às festividades, antigamente havia muitos eventos da Igreja padroeira do bairro. As crianças da época faziam competições de dança, coral, vendiam rifas, produziam festas juninas, entre tantos outros eventos para a comunidade, a fim de arrecadar dinheiro para a construção da Capela. Hoje em dia, a maioria é realizada pelo terreiro. Há comemorações de festa junina, festa de Ogum, festa de São Cosme e Damião, Congado, Novembro Negro, dentre outros. Com o tempo, o quilombo vem conseguindo maior apoio da prefeitura para a realização das festividades, como tendas, banheiros químicos, som, enfim.

Entrevistado nº 1: *“Ah! As festas são as nossas. A festa de Ogum, do Congado, Cosme e Damião, Festa Junina, agora os eventos com a associação... São as nossas e as da Igreja.”*

Ainda buscando conhecer o ambiente em sua complexidade e diversidade, o conhecimento sobre plantas da população é muito rico. Foi muito comum falas dos entrevistados acerca da sabedoria popular de seus familiares mais experientes.

O conhecimento acumulado pelas sociedades tradicionais, através de séculos de estreita relação com a natureza, desempenha papel fundamental para a manutenção da diversidade biológica, assegurando a utilização racional dos recursos naturais (MONTELES; PINHEIRO, 2007, p.2).

Em relação às plantas, é comum cultivar algumas ervas no quintal das casas. Entretanto, relacionam a pouca existência de vegetais, árvores e ervas ao pouco espaço para cultivo, seja na rua, ou nos quintais. Todos os entrevistados relataram que não há arborização no local, que o único lugar existente é no vale onde funciona o loteamento. Na rua, ao lado do terreiro, há um lote vago com muito depósito de lixo.

Uma das moradoras cita que seria muito interessante transformar o local em uma horta comunitária, pois assim os moradores teriam onde fazer o cultivo de suas plantas favoritas. Há uma forte influência da tradição familiar e religiosa com a relação das pessoas com as plantas. Muito do conhecimento dos moradores, foi transmitido pelos seus antepassados ou estimulado pela fé.

Entrevistado nº 1: *“Num terreiro não tem como não ter plantas. Porque uma casa de Santo, de Candomblé, que seja, não se faz um culto sem folha, a folha dentro da casa de Santo é tudo, né, é o ‘ejé branco’, o sangue branco. Então para um ‘ebó’ (oferenda), a gente precisa das folhas. Pra banho, pra chá... As folhas não entram só como banho, elas entram*

como uma fonte de medicina.” [...] “A gente sabe, uma folha mata e ela cura, a gente crê nisso aqui dentro do terreiro. Então a gente hoje usa folha em tudo!”

Por possuírem forte relação com a natureza, as comunidades tradicionais, apesar de suas diferentes culturas, acumulam grande conhecimento sobre os recursos naturais. Apesar das diversas pressões que esses povos sofrem, parte desse conhecimento perdura por muitos anos através das gerações.

Seus hábitos estão diretamente submetidos aos ciclos naturais, e a forma como apreendem a realidade e a natureza é baseada não só em experiência e racionalidade, mas em valores, símbolos, crenças e mitos. (MONTELES; PINHEIRO, 2007, p.3).

A cultura quilombola possibilita que os indivíduos expressem seus valores e princípios, formando um vínculo simbólico e afetivo com o grupo. O quilombo é um local de trocas e compartilhamento de saberes que contribuem para o sentimento de pertencimento desses povos ao contexto em questão (FURTADO; PEDROZA, ALVES, 2014). Os autores citam que cultura é um forma autêntica de se constituir, como também uma forma de resistência à tendência de homogeneizar as diferenças.

Em consonância com as falas de Silva (2009), os autores Furtado, Pedroza e Alves defendem que a identidade é o produto da ação do próprio sujeito e da sociedade, de modo que forças sociais exercem influência sobre o indivíduo além da própria construção que ele faz de si mesmo. Já a subjetividade se relaciona com a forma que o sujeito dá sentido e significação às experiências vividas. Dessa forma, o indivíduo se constrói e se reconhece diante de diversos processos individuais e sociais. Logo, o posicionamento coletivo ocorre pelo reconhecimento de indivíduos enquanto grupo, partilhando saberes, valores, vivências e costumes em comum, ou seja, de uma realidade compartilhada (FURTADO; PEDROZA, ALVES, 2014).

Tendo em vista as questões mencionadas acima, a busca pelo entendimento da cultura quilombola passa pela compreensão da imagem social desses povos, remetendo a um passado comum de lutas e resistência.

Em contrapartida, os anos de tentativa de exclusão e esquecimento dessa cultura vinculado ao presente etnocentrismo de nossa sociedade brasileira, contribuem para uma não valorização desse conhecimento.

A questão fundamental que se coloca é como ensinar a história desses povos que na historiografia oficial foi preterida e substituída pela história de um

único continente, silenciando a rica diversidade cultural em nome de um monoculturalismo justificado pelo chamado sincretismo cultural ou mestiçagem, quando na realidade o que se ensina mesmo é a Europa com sua história e sua cultura (MUNANGA, 2015, p.20).

Assim, o autor ressalta a importância de uma educação multicultural que enfoque a rica diversidade ao incluir na formação da cidadania a história e a cultura de outras raízes formadoras do Brasil.

Portanto, através da realização desta pesquisa tanto no campo como na literatura foi possível perceber aspectos da comunidade e sua relação com o meio de uma forma mais profunda. Dificilmente tal compreensão seria possibilitada a partir das estratégias convencionais presentes em muitos estágios, com a simples observação passiva das situações e fenômenos ou a regência de aulas com temas engessados por um currículo pré-definido. De acordo com Minayo, Deslandes e Gomes (2011), por se tratar de uma pesquisa qualitativa, não é possível medir a relevância das questões apresentadas com cálculos, já que cada discurso dos entrevistados contém uma riqueza cultural e histórica singular, sendo útil para o desenvolvimento de levantamentos sociais.

Destarte, os quilombos foram e continuam sendo um grande marco de resistência desses povos, que encontram diversas dificuldades advindas de uma sociedade estruturalmente racista, que insiste em apagar de sua história a cultura de uma de suas raízes formadoras. Dessa forma, é de suma importância levar em consideração a pluralidade dos povos brasileiros nos processos pedagógicos atuais, salientando também, a necessidade de diferentes vivências étnico-culturais na formação docente, tendo em vista que o estágio pode contribuir para a formação de uma identidade e autonomia profissionais.

Além do mais, é importante ressaltar que as atividades pedagógicas devem atuar com o objetivo de reafirmar a cultura existente nessas comunidades, levando em conta que são povos com uma riqueza de saberes e subjetividades imensa, contribuindo para formação docente antirracista.

4.3 Regências desenvolvidas

De acordo com a PHC, é fundamental que o professor não dissocie os conhecimentos sistematizados do contexto sócio-ambiental, levando em conta experiências históricas e sociais vividas pelos estudantes (BOHRER, 2017). Desse modo, desenvolvemos as regências com o intuito de atrelar o conhecimento contido na cultura dos indivíduos do quilombo com o

ensino de Ciências. Houve um breve esboço de pesquisa-ação com os estudantes, visto que a pesquisa não é exclusiva da academia. Ao todo foram realizadas quatro regências no local, a primeira com o objetivo de realizar uma atividade de mapeamento ambiental, já as seguintes, na mesma esteira de pensamento, focaram nos conceitos básicos de Botânica. A segunda aula ocorreu após um mês da realização da primeira, devido às férias da Universidade. Já as aulas seguintes foram desenvolvidas num período de duas semanas.

No primeiro momento, a fim de desenvolver os objetivos do mapeamento ambiental proposto por Meyer (1991), foi elaborada uma atividade visando essa percepção do ambiente à volta através da produção conjunta das crianças de um mapa da rua.

Para a realização da atividade nos organizamos em um círculo com as cartolinas no centro, disponibilizando o material para a confecção. Fizemos uma breve explicação acerca de noções de espaço do papel e as crianças fizeram uma divisão de quem desenharia determinado ponto. Como pontos principais, destacaram suas casas, o terreiro, a Associação, a Capela e um comércio local. Após retratar os principais locais, notamos que não havia o desenho de nenhuma árvore, então perguntamos sobre a existência de plantas na rua. Responderam que as árvores mais próximas ficam numa praça, em outra direção do bairro. Logo que foi perguntado sobre as plantas, uma das crianças lembrou a presença de um lote vago ao lado do terreiro, onde há muito lixo depositado. Perguntamos sobre a opinião dos estudantes sobre o local, a maioria deu uma resposta negativa, associando o local ao lixo, à criminalidade e ao abandono de animais.

Em seguida, perguntamos sobre os pontos positivos e negativos da rua do quilombo. Como pontos positivos citaram a união das pessoas, a proximidade com os amigos, as aulas da Associação, o terreiro, e o comércio onde podem comprar doces. Já nos pontos negativos, citaram a quantidade de lixo presente no local e a falta de um ambiente natural para brincarem

Criança 1: *“Eu gosto da Associação, da Capela, do Terreiro e da minha casa. Aqui na rua é puro lixo.”*

Criança 2: *“Associação, do Castelo da Capelinha e da minha casa, porque dão apoio pra gente. Não gosto do lote porque é fedorento, está cheio de sujeira, soltam cachorro lá, tem muito lixo. Aqui não tem lugar para passear.”*

Criança 3: *“Eu gosto da Capela.”*

Criança 4: *“Da vendinha pra comprar cartinha e bala.”*

Criança 5: *“Casa da madrinha, porque tem internet.”*

Criança 6: *“Gosto de tudo. Festa de Cosme e Damião. Não gosto do lote porque está cheio de lixo.”*

Perguntamos qual era o local mais limpo da rua e as crianças responderam que a Associação, o terreiro e a Capela. Ao perguntar como era a rua, muitos responderam que é suja, então questionamos o porquê:

Criança 2: *“Por causa das crianças que jogam papel de bala na rua.”*

Criança 3: *“Jogam picolé no chão.”*

Questionamos pra onde vai o lixo que fica na rua:

Criança 6: *“Na lixeira ou enterram.”*

Criança 2: *“Pro bueiro.”*

Criança 1: *“Vai pra casa dos outros.”*

Após isso, comentamos sobre a presença do lixo na rua atraindo animais como ratos, baratas, mosquitos, e uma das crianças comentou ter visto um rato morto na rua. Levamos as crianças até onde o rato estava, pois apresentaram grande curiosidade.

Por fim, passamos dois vídeos para as crianças assistirem. O primeiro se tratava de uma animação da Turma da Mônica sobre preservação do meio ambiente. Continha ensinamentos como economizar energia, economizar água, não jogar lixo no chão, coleta seletiva, dentre outros. O último vídeo, o que as crianças mais gostaram, se tratava de uma música que relacionava a natureza com os Orixás, com o intuito de aproximar os conceitos da realidade das crianças. Como não possuem acesso à internet, pediram para ficar ouvindo a música até o final da aula e para levá-la novamente nos próximos encontros.

Fotografia 1: Mapa do quilombo



Fonte: Da autora (2023)

Como a ideia era desenvolver aspectos das plantas devido aos relatos da entrevista, logo, as regências seguintes foram produzidas com o objetivo de desenvolver conceitos básicos de Botânica com as crianças. Isso se deve ao fato de os estudantes possuírem diferentes idades e conseqüentemente, diferentes bagagens conceituais trabalhadas no ambiente da escola regular. Cabe citar também a influência da cultura quilombola local para a escolha do tema, pois conforme Monteles (2007), o conhecimento acumulado por essas comunidades tradicionais possui forte vínculo com a natureza e seus fenômenos.

Em seguida, a segunda regência abordou os diferentes usos das plantas, levando o conceito de plantas medicinais, comestíveis e ornamentais, bem como as plantas que servem de matéria prima para produção de objetos.

Levamos para a aula alguns espécimes que foram citados nas entrevistas e que observamos a presença no quilombo. Dentre os espécimes alimentícios haviam cebola, alho, açafraão, banana e batata, nos ornamentais uma espécie de suculenta e uma espada de São Jorge. Para representar as plantas medicinais escolhemos o hortelã. Ademais, usamos uma cabaça de um berimbau e uma baqueta usada nas aulas de Maracatu.

Fotografia 2: Espécimes de plantas



Fonte: Da autora (2023)

Iniciamos questionando as diferenças observadas entre os espécimes. Destacaram o cheiro da hortelã, os temperos de comida e citaram que já tinham visto alguns exemplares no terreiro ou que possuíam em casa. Logo após, perguntamos quais das plantas podíamos comer, separando-as em um canto da mesa. Para isso, cada criança tocou e sentiu o cheiro dos indivíduos, experimentando alguns. Separaram a hortelã junto às plantas alimentícias, então questionamos de qual situação a conheciam e como resposta citaram a produção de chás em suas casas e no terreiro. Então, conceituamos plantas de uso medicinal enquanto as crianças citaram outros chás que já tinham experimentado e qual a explicação cultural de cada um.

Após isso, foi levantada a questão de usar as plantas para enfeitar os ambientes, dessa forma, usamos a espada de São Jorge e a suculenta para definir as plantas ornamentais. Por fim, levantamos a questão da utilização da madeira e das plantas como matéria prima para a construção de objetos. Assim que mostramos a cabaça e a baqueta, cada criança começou a citar móveis de madeira que possuía em casa. Assim que finalizamos a regência, as crianças pediram para brincar de desafio da comida com os exemplares que levamos, em que cada um deveria comer um dos alimentos sem fazer careta. Destarte, separaram novamente os alimentos para realizarem a brincadeira.

A terceira aula tratou do conceito de seres vivos e do ciclo de vida das plantas; nascimento, crescimento, reprodução e morte, pois sentimos a necessidade de abordar questões ainda mais básicas da Biologia com os alunos. Iniciei perguntando para as crianças se cada uma delas estava viva, todas responderam que sim. Logo, foi perguntado sobre o restante dos animais, se são seres vivos. Uma das crianças ainda citou que o cachorro de estimação dela havia morrido, fazendo referência a não ser mais um ser vivo. Dessa forma, questionamos se as plantas podiam ser incluídas nessa mesma classificação, o que levou a muitas dúvidas neste momento. Então, conceituamos que um ser vivo nasce, cresce, se reproduz e morre, e que as plantas assim como nós apresentam esse mesmo ciclo. Mostramos um exemplar de planta morta para exemplificar melhor os conceitos.

Após a conclusão de que plantas são seres vivos, foi comentado sobre o processo de reprodução e desenvolvimento desses organismos. Abordamos a germinação das sementes, a produção de flores e o desenvolvimento de frutos. Notamos certa dificuldade de entendimento desse processo pelas crianças, dessa forma, na última aula pensamos em uma atividade prática que exemplificava melhor o ciclo de vida.

Fotografia 3: Aula seres vivos



Fonte: Da autora (2023)

Por fim, foi proposta uma prática que agrupasse todos os conceitos já desenvolvidos anteriormente. Foi desenvolvida uma atividade de retirada de sementes de alguns frutos e plantio. Levamos para a aula uma caixa com terra, alguns frutos maduros e sementes. Também foi apresentado um vídeo mostrando o desenvolvimento de uma planta de feijão, desde sua germinação. Além dos materiais citados, levamos também copos descartáveis, algodão e grãos de feijão, para que as crianças pudessem montar o experimento e levar para casa a fim de acompanhar o desenvolvimento.

Os próprios alunos montaram o experimento, deste a retirada de sementes dos frutos até o plantio na terra. Houve certa surpresa da maioria das crianças acerca da presença de sementes nos frutos, bem como do processo de reprodução das plantas. Um dos alunos perguntou se poderia fazer o mesmo experimento em sua casa, então mencionamos a possibilidade da construção de uma horta. Uma das sementes levadas era de mamão, uma das crianças comentou que havia comido a fruta no dia anterior e que da próxima vez guardaria as sementes para plantar.

Fotografia 4: Experimento do feijão



Fonte: Da autora (2023)

Através das regências foi possível perceber que os alunos demonstraram maior interesse pelos conteúdos quando eram relacionados com o cotidiano dos mesmos, em grande parte apresentando relação com o contexto religioso do local. Tivemos algumas dificuldades em relação ao comportamento das crianças, pois as aulas eram regidas à noite, logo depois que chegavam da escola regular. A maioria já apresentava certo cansaço, além de ser o único horário do dia em que tinham a oportunidade de brincar fora da escola. Outra questão que influenciava a agitação dos alunos era a proximidade do local com a rua, sendo que diversas vezes alguém que passava pela rua interrompia as aulas, até mesmo situações que chamassem a atenção dos mesmos influenciava nas atividades.

É importante citar que a escolha do tema e a forma como as regências foram conduzidas só foi possível devido a educação não-formal e a inexistência de um currículo pré definido, pois da forma que desenvolvemos a pesquisa foi possível perceber as demandas de cada aluno e da comunidade, a fim de intervir com uma sistematização de conteúdos diferente da usada no ensino regular.

Através deste trabalho foi possível concluir a importância de experiências étnico-culturais para a formação de professores antirracistas, bem como a influência do estágio nos processos identitários docentes. Apesar do curto tempo para o desenvolvimento da

pesquisa, os resultados mostraram estar de acordo com a teoria da Pedagogia Histórico Crítica e da Educação Ambiental, pois atrelando as regências à leitura crítica do ambiente conseguimos atingir o objetivo inicial das aulas. Bohrer (2017) defende a importância da PHC na sistematização lógica dos conhecimentos, levando em conta as experiências históricas e sociais dos sujeitos. Com as atividades desenvolvidas, percebemos que ao aproximar os conteúdos com a realidade da comunidade recebíamos mais interesse das crianças. Ademais, a prática do mapeamento ambiental contribuiu para o entendimento dos alunos do meio em que estavam inseridos, ressaltando-se as ideias de Meyer (1991), de que o mapeamento possibilita um levantamento de informações ambientais da comunidade, bem como das relações sociais estabelecidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo relatar e analisar uma experiência de estágio numa associação de bairro como parte da trajetória de formação como professora, contando com uma pesquisa com a comunidade daquele território, visando compreender esta realidade e intervir nela por meio de uma atividade de ensino de ciências.

O estudo tomou como referencial a Pedagogia Histórico Crítica e a Educação Ambiental Crítica, buscando produzir conhecimento local e educativo de maneira a contribuir também com a literatura destas áreas, bem como os processos identitários docentes. Embora reconheçamos as limitações do trabalho, compreendemos a sua importância no processo de formação de profissionais cientes do tema em questão.

Através das regências desenvolvidas, percebemos a relevância de utilizar da Educação Ambiental Crítica e da Pedagogia histórico-crítica atrelando o conhecimento popular ao científico, em busca da transformação social, como também a importância da pesquisa nos estágios, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais significativo.

Portanto, a experiência vivida no estágio supervisionado foi fundamental para a construção da identidade profissional em particular, já que possibilitou o contato com temas não abordados com profundidade durante a graduação. Dessa forma, é de grande relevância para a formação de professores, em especial para a formação de profissionais conscientes da

sociedade estruturada no racismo em que vivemos, que mais pesquisas relacionadas ao tema sejam desenvolvidas.

Entendemos também, a importância da valorização cultural dos sujeitos, bem como a superação de questões que colocam as diferenças como um problema. Por meio da pesquisa desenvolvida, pude entender com mais profundidade a diversidade e pluralidade de uma das raízes formadoras de nosso país e a resistência dessas pessoas apesar de todo preconceito. Desse modo, saliento a urgente necessidade de superar questões relacionadas ao racismo que estrutura nossa sociedade, uma das estratégias de segregação da atual força política e econômica que tem por interesse perdurar sua hegemonia.

Por fim pude me aproximar da realidade étnico-cultural da comunidade, me trazendo diversas reflexões e percepções acerca da sociedade. Todo esse processo contribuiu de forma imensurável para minha formação como professora e para minha identidade profissional.

O presente trabalho permitiu a reflexão acerca da educação de nossa sociedade atual e os desafios envolvidos nesse processo. Ademais, ainda existem lacunas teóricas a serem preenchidas, exploradas e investigadas.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOHRER, Marcos. **A pedagogia histórico crítica e a avaliação**. Repositório IFPR, 2017. Disponível em: <https://reitoria.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2017/03/A-Pedagogia-Hist%C3%B3rico-Cr%C3%ADtica-e-a-Avalia%C3%A7%C3%A3o-Marcos-Bohrer.pdf>. Acesso fev. 2023.

DA SILVA, Maria de Lourdes Ramos. **A complexidade inerente aos processos identitários docentes**. 2009.

D'ESPÍNDULA, T. S., & França, B. H. S.. (2016). **Aspectos éticos e bioéticos na entrevista em pesquisa: impacto na subjetividade**. *Revista Bioética*, 24(Rev. Bioét., 2016 24(3)). <https://doi.org/10.1590/1983-80422016243149>

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011.

FURTADO, Marcella Brasil; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira; ALVES, Cândida Beatriz. **Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural**. *Psicologia & Sociedade*, v. 26, p. 106-115, 2014.

GATTI, Bernardete A. **Formação de professores no Brasil: características e problemas.** Educação & Sociedade, v. 31, p. 1355-1379, 2010.

GOMES, Nilma Lino et al. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores.** Autêntica, 2018.

LAGO, Whashington Luis Alves do; DE ARAÚJO, Joniel Mendes; SILVA, Luciana Barboza. **Interdisciplinaridade e ensino de ciências: perspectivas e aspirações atuais do ensino.** Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação, n. 11, 2015.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. **PARA ONDE VAI A EDUCAÇÃO AMBIENTAL? O CENÁRIO POLÍTICO-IDEOLÓGICO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL BRASILEIRA E OS DESAFIOS DE UMA AGENDA POLÍTICA CRÍTICA CONTRA-HEGEMÔNICA.** Revista contemporânea de Educação, v. 7, n. 14, p. 388-411, 2012.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência: diferentes concepções.** Póiesis pedagógica, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006.

LOBATO, Danilo Fernandes; ADAMS, Fernanda Welter; NUNES, Simara Maria Tavares. **A importância da Educação Ambiental para o Ensino de Ciências da Natureza: um olhar para o Tempo Comunidade.** Revista Insignare Scientia-RIS, v. 3, n. 4, p. 361-379, 2020.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Educação Ambiental: questões de vida.** São Paulo: Cortez, 2019.

MAIA, Jorge Sobral da Silva. **Educação Ambiental Crítica e formação de professores.** 1ª ed. Curitiba: Appris, 2015.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. **A prática pedagógica histórico crítica na educação infantil e ensino fundamental.** Campinas, SP: Autores associados, 2011. – (Coleção Educação contemporânea).

MEYER, Mónica. **Educação ambiental: uma proposta pedagógica.** Em aberto, v. 10, n. 49, 1991.

MONTELES, Ricardo; PINHEIRO, Claudio Urbano B. **Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica.** Revista de biologia e ciências da terra, v. 7, n. 2, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil.** Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura, v. 5, n. 1, p. 17-24, 1996.

MUNANGA, Kabengele. **Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?.** Revista do Instituto de Estudos brasileiros, p. 20-31, 2015.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática.** Cadernos de pesquisa, n. 94, p. 58-73, 1995.

SAMPAIO, Maria das Mercês Ferreira e MARIN, Alda Junqueira. **Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares**. Educação & Sociedade, Campinas, SP, v. 25, n. 89, p. 1203- 1225, set./dez. 2004.

SANTOS, Saulo; TERÁN, Augusto. **O uso da expressão espaços não formais no ensino de ciências**. Revista Areté| Revista Amazônica de Ensino de Ciências, v. 6, n. 11, p. 01-15, 2017.

SAVIANI, D. **A Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica, quadragésimo ano: novas aproximações** / Demerval Saviani. – Campinas, SP: Autores Associados, 2019. – (Coleção educação contemporânea).

SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI; CORDER, Adriana Maria. **A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas**. Revista Unar, v. 7, n. 1, p. 1-12, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. Cortez editora, 2017.

TREIN, Eunice Schilling. **A educação ambiental crítica: crítica de quê?**. Revista Trabalho Necessário, v. 20, n. 43, 2012.